

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000



esposa? desmascarar os  
nos 11.

PUBLICA-SE

Tres vezes por mes, nos dias  
10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

FUNC—DA  
Biblioteca Publica  
"Benedicto Lotze"

...Et non tam animi parvâ fluctantem, et circumferentem omni vultu doctrinam,  
in sapientia hominum, in actibus et circumstantiis errorum.  
(S. Paulo, ad Ephesios, Epistola Cap. V, v. 14).

Maranhão, 20 de Janeiro de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE JANEIRO DE 1881.

A batalha da luz.

O enorme amphitheatro da terra está completamente cheio. Em cada gradilho senta-se um século. As gerações passadas, as gerações presentes, assistem à grande luta que ha-de dar nascimento ao porvir. As primeiras—na gelida immobilidade do passado; as segundas—na actividade febril do presente.

E quea pecha n'essa arena desconhecida? Quaes os gladiadores a cujo combate assiste o genero humano? Quem será o heroe d'esse torneo gigante? Que clarins lhe celebrarão a victoria? Onde está a dama que lhe dará a palma do triumpho?

N'aquelle arena dois guerreiros combatem. Mais que dois guerreiros—duas palavras sublimes. Mais que duas palavras—duas ideias gigantes. N'aquelle circo travam, ha seculos, uma luta realda—a creença e a sciencia—a treva e a luz.

A creença!—o mundo da negação das aspirações humanas. A creença!—um véo lançado sobre o Universo com esta divisa funebre—NÃO PENSAS. A creença!—A amputação enorme da razão a quem reprime os passos. A creença!—a base de todas as religiões—instituições que se hão banhado no sangue da humanidade. A creença!—a harpia que na India fez as castas, que no Egypto fez os escravos, que na Grecia matou Socrates, que na Judeia assassinou Christo, que na Europa toda fez as cruzadas, a inquisição, o jesuitismo, e essa noite de trevas—a Saint Barthelemy. A creença!—esse phantasma tetrico atraz do qual ha vivido o sacerdote—esse negro avatar do mal, que tem torturado as gerações.

E o outro combatente?—Ah! é um filho da luz. É a sciencia—a enorme avanço da perfeição. A sciencia!—Eden de verdades que se abre nos olhos do genero humano. A sciencia!—o telescópio lançado sobre o Universo para que o homem possa ver. A sciencia!—a mobilização do ser pensante. A sciencia!—o oceano de luz em que a razão sobrenada. A sciencia!—a base de todos os direitos, de toda a justiça. A sciencia!—tempo cyclopeo em que se lê a divisa—Liberdade. A sciencia!—a filha do bem que na China fez Confucio, que na India deo nascimento a Kapila, que na Helade inspirou Aristoteles, que na Europa toda fez girar os seus astros de luz. A sciencia!—mundo que tem por soes—Newton, Kepler, Kant, Laplace, Voltaire, e uma herda de gigantes da ideia. A sciencia!—o balsamo eterno que ha ferido as feridas que na humanidade abriu o despotismo.

Taes são os dois combatentes d'este circo enorme. A armadura de um é a armadura de trevas. No escudo com que defende-se—vêm-se pintados os informes titulos do Hindostan, as esphinges silenciosas de Thebas, as saturnaes de Roma, os cavalletes e potros de tortura da ilha de media, a thian e o báculo do Papa, as fogueiras da Inquisição e a primeira pagina do Syllabus. Na armadura do outro é differente o espectral. Ali vê-se em relevo o bem agitar-se. No escudo com que para os golpes do adversario está desenhada a officina soberba do tra-

balho humano. Ali a penna de Voltaire confunde-se com o binocto de Galileo, o telescópio de Herschell com a machina de Watt; o telegrapho de Morse com os livros de Darwin e de Buchner; a invenção de Daguerre com as paginas philosophicas de Herder; o escarpello do anatomista com o prelo typographico; o aerostato de Montgolfier com a Legenda dos seculos de Hugo; a pillula de Volta com as obras de Augusto Comte. Tudo o que se descortina alli é gigante, embora confusamente esboçado. N'aquelle escudo ha uma epopeia enorme cujo primeiro canto é traçado pelo numero nas entranhas da terra e cujo epilogo é escripto no gabinete do sábio. É uma liada nova—porque é a liada da humanidade.

E os dois guerreiros combatem. Atacam-se com modorra furia. A creença, gotejando sangue, quer matar o adversario. A sciencia—essa só ambiciona desarmar o contendor. Uma tem a raiva por incutivo. A outra tem por estímullo o amor do bem.

Mas subito o guerreiro da luz dá um tremendo golpe no seu contrario. A creença vacilla. Não é um golpe mortal, mas um golpe que enfraquece. As gerações applaudem-no. Um povo saudou-o entusiasmaticamente agitando a bandeira.

Que golpe foi esse? Responde-nos, povo do Brazil!

—Foi a elegibilidade dos acatholicos. D'hoia em diante a creença não mais s'impõe no Brazil. O pensamento livre acaba de nascer n'esta terra de luz.

Curvai-vos ante o Sol que desponta.

O seculo XIX—o avatar da liberdade concebido no ventre de noventa-e-trez, é o seculo para o qual a verdade se tornou o objectivo de todas as aspirações humanas. Na Historia, na Philosophia, nas Sciencias naturaes, na Litteratura, na Sociologia—em tudo o que pertence á esphera do pensamento, ha presengido em busca da verdade. Ella—a mythologica gnomia encerrada n'um povo, ha surgido á luz do seculo espantando com sua franca mixta as flegões euducas e heridas com que se vitara a razão.

Entre essas flegões duas havia infantas. Uma—a missão divina dos reis. A outra—a supremacia espiritual do bispo de Roma.—Uma que lha por fim escravizar os povos em nome de Deus. A outra—que almejava suffocar a razão humana sob o amplexo de ferro de uma doutrina cruel. Ambas miravam ao dominio absoluto sobre o homem. Uma maniatava-lhe o corpo. A outra agrihiova-lhe o espirito.

Noventa-e-trez erguendo-se como uma incarnação das diretos do povo, deu por terra com estas flegões reaes e sacerdotaes. Derrubou-as por meio da forza. Fazendo boquear estes dois postes de tortura abriu ao genero humano uma estrada nova. Foi n'esta estrada que as nações se precipitaram em busca do porvir.

No seculo actual as duas flegões já não são batidas pela forza. É a verdade quem as combatte. O povo não mais precisa de armas para provar que é soberano. A soberania do povo é uma verdade que se acha no dominio do direito, e que se confirma na consciencia das nações. Tambem a supremacia do Papa com quanto apparentemente mantida não mais existe em realidade. Os poderes do Vaticano deixaram d'existir no dia em que a hu-

manidade comprehendet que lhe assistia o direito de livremente pensar.

Estas duas grandes verdades—a soberania do povo e a liberdade do pensamento, em nossos dias fazem parte da sciencia social e administrativa. A primeira é a base de todo o governo. A segunda trabalha para vir a ser o apoio de todas as instituições progressistas.

O Estado, que é a expressão do povo, tem porem ainda a combater as pretensões da Roma papal. Roma, não obstante os progressos da sciencia, não abandona sem luta a sua preponderancia. Acsada pela sciencia moderna estorrou-se por manter a sua dictadura espiritual. Pela intriga, pela astucia, pela manha, procura affogar o livre pensamento que ameaça supplantal-a. Lisongia os governos para que lhe acatem as doutrinas como Religião do Estado. Trabalha para que o poder civil fore o povo a aceitar como imposição uma forma de creença propria á destruição a razão.

No Brazil esta influencia malefica fez-se sentir. Na sua constituição, n'esse brazão da liberdade de um povo, a imposição religiosa foi amihar-se. No artigo 5.º era a Religião Catholica proclamada a do Imperio. Tal medida importava em forçar todos os seus habitantes a pensar como Roma! E isto n'uma constituição—no diploma das liberdades da nação!

E este artigo tem subsistido! Subsistido para desgraça do paiz, para immobilização das ideias! Subsistido para amihar um clero petulante a desrespeitar o Estado! Subsistido para negação dos direitos dos cidadãos brasileiros que só commettem um crime—não pensar como o Papa exige!

Felizmente que a aurota de um novo dia raiou. Proclamando a elegibilidade dos acatholicos, o Governo acaba de reconhecer o que ha de falso e de nao na imposição de uma creença. Se para representar um povo a uma camara legislativa não mais é necessario ser catholico, é porque a ideia religiosa em nada indue para a administração do paiz. Em vista de uma tal disposição a religião do estado torna-se desnecessaria. O que é desnecessario supprime-se. Suprima-se a Religião do Estado, e o Brazil terá dado um passo gigante na senda da civilização.

Nada mais sagrado existe do que o forum intimo—o tribunal da consciencia humana. Essa consciencia tem sido sempre victima das instituições religiosas. D'essas instituições, a mais immobilisadora, a mais intolerante, a mais nociva, a mais hostil, é aquella que tem o Papa por chefe. Querendo a unidade de pensamento d'aquelles que lhe acatam as doutrinas a Igreja trabalha para a cretificação da humanidade. Não se força os homens a crer sem primeiro lhes fazer calar a razão, e o silencio da razão é a morte moral do homem.

Uma nação constitucionalmente governada não pode nem deve tolerar que as pretensões do Catholicismo n'ella faciam lei. Não o pode, porque mente á liberdade de que deve a seus filhos. Não o deve, porque a sua dignidade soffreria em ser instrumento de uma instituição que só tem por fim assegurar o dominio clerical, em detrimento das classes socialmente productivas. Aceitar as cadeias do Catholicismo é lançar um escarro na frente da humanidade.

O que seja a Igreja Catholica é cousa

facilissima de comprehender para aquelles que leram a *Constituição Dogmatica* formulada pelo Concilio celebrado a este seculo. Essa constituição é a declaração de guerra á razão humana, á sciencia moderna. Ali com um cynismo despejado combate-se todas as conquistas da civilização. Ali a Igreja revolta-se clara e evidentemente como inimiga de todo o progresso. Ali ella apresenta-se tendo no nuço os grilhões com que quer algemar as consciencias. Sua attitude é a do carrasco do pensamento, do carrasco da razão.

A Bastilha out'ora em Franca syndicalisava o despotismo monarchico. Hoje a Igreja, para o pensador, mais terrivel é que uma Bastilha. A Bastilha era uma prisão e na prisão—vive-se. Mas na Igreja não se vive—morre-se. E a morte que alli aguarda o homem é a mais terrivel das mortes—a da consciencia. Quem dispôs-se a entrar no gremio da Igreja deixa de ser homem. Ser homem é pensar. E a Igreja é a morte do pensamento.

Forçar pela lei civil um povo a acreditar uma tyrannia espiritual é mentir ás leis santas da sociedade moderna. Estabelecer n'uma constituição uma imposição de creença é transformar essa constituição em instrumento de tyrannia. E quando a creença que s'impõe é a da Igreja Catholica tal tyrannia importa na morte da nação. Ser Catholico para um povo equivale á sua absoluta aniquilação. Um povo, que é Catholico de convicção, é um povo que não pensa. Não pensar é declarar guerra ao progresso. O progresso é uma evolução d'ideias a que ninguém se furtou senão morrendo.

E não venham hypocriticamente os secretarios de Roma dizer que a Igreja não é inimiga do progresso. Não venham contradizer o que a sua *Constituição Dogmatica* diz, o que o seu *Syllabus* prova. Não inimiga do progresso—aquella que encarcerou Galileo! Não inimiga do progresso—aquella que condemnou Kepler! Não inimiga do progresso—a instituição que amou Vanini! Não inimiga do progresso—essa Igreja que não trepida em sustentar que o homem não tem o direito de pensar! Não inimiga do progresso—essa infame que em pleno seculo XIX proclamou a infallibilidade Papal!... Sustentar tal paradoxo, fazer-se campeão de tal falsidade, é zombar cynicamente dos homens.

Deixar portanto que uma constituição de liberdade sujeite um povo á creença esterilizador de Roma é preparar uma nação a descambar no tumulo. E o Brazil é joven de mais para que morra assim ingloriamente. Tem demasiada vitalidade para que succumba victima da mais cruel das enfermidades—o fanatismo. Em dos symptomas que acaba de dar da sua força, da sua vida, é a lei que autoriza a elegibilidade dos acatholicos. Seja esse symptomata seguido de um esforço titanico. Rompa o Brazil a cadeia que o prende á Roma dos Papas. Separe a Igreja do Estado, e terá correspondido ás aspirações de todos aquelles que amam a liberdade.

Na batalha, antes torneo da sciencia contra a creença, acaba de avultar o golpe que o Brazil deu. A esse golpe denodado siga-se a estocada mortal. Concorra a filha da America—a nação opulenta, para derribar esse poder centralizador de todo o despotismo espiritual—O Papado. Trabalhe para substituir a Igreja pela

Escola, o Catholicismo pelo trabalho, o amor do Papa pelo amor dos homens, as aulas de Theologia pelas fabricas. De muitos d'actividade a seus filhos, e se parando-os d'uma vez da seita romana, romba-se a sua influencia nociva e espectralisadora. Foga d'ellos operarios: e declare guerra aos seminarios. Prepare lemeas inteis a expulso de seu seo as parasitas.

Acompanhando a sciencia que hoje todo o mundo invade, e cuja influencia o Brazil mostra haver sentido pela lei que a pouco decretou, este grande imperio tem o dever de concorrer para o desenvolvimento da humanidade. Na obra de luz — o progresso, cada nação deve trabalhar como qualquer operario. O Brazil que trabalha portanto, e que salda no grande edificio do aperfeiçoamento humano tambem sentira-se pobre.

O século XIX ha-de dizer a sua última palavra sobre a luta da sciencia contra a creença. Já a humanidade se agita aguçando o fim d'esse combate enorme. Já o poivre começa a erguer o seu véo de cima dos combatentes. Já no estudo da sciencia novas verdades scintillam constantes. O Brazil que s'inscreva tambem no biuquel do nobre paladino. Que tambem elle declare guerra à vil creença, que tambem elle derribe esse phantasma que entorpecera a vida dos povos.

Novos horizontes se rasgam hoje ás nações. A humanidade singra para a perfeição no oceano do presente para o futuro. N'esse oceano ha ainda que combater os negros ventos do passado — esses ventos que acenderam fogueiras. Combate-os com a sciencia, Brazil!

Se um guerreiro na batalha da luz!

## COLLABORAÇÃO

### Um casamento de maçon

Contra a expectativa publica, mas com geral satisfacção, realison-se, no dia 1.º do corrente, o casamento do illm. sr. Dr. Tarquínio Lopes, distinto e graduado maçon desta cidade, sem que o bispo diocesano puzesse em pratica as patacudas, que todos esperavam. E não era sem fundamente a apprehensão publica.

Depois que foi suspenso Frei Rufino Freitas por haver confessado maçon; depois dos desluzos feitos ao Conego P. P. F. por identicos motivos; depois dos infames psiquis contra a maçonaria, escriptos, seguido d'isso, pelo pleante preceptor de s. exc. revm.; era muito de presumir que o primeiro maçon, que pretendesse casar, encontrasse os pillos obstaculos que a egreja romana adoptou contra a maçonaria, para levar a effeito lhos inconfessáveis. Mas felizmente assim não succeder; e o illustre Facultativo, que não fazia mysterio de ser maçon, conseguiu realizar o seu casamento sem embargos, havendo apenas a innovação de apresentarem-se o Cura celebrante sem estôta e soltequelliz, — bagatella ridicula, ordenada por s. exc. revm., que foi vantajosamente substituída pela respeitabilidade do digno celebrante, um dos nossos sacerdotes mais sãos e estimados, cujo procedimento irreprehensivel, pôde servir de modelo a qualquer bispo idiota e envergadura.

Este facto, que parece à primeira vista denuncia de paz da parte do diocesano, nada mais foi do que uma simples transacção.

O sr. D. Antonio d'Alvarenga consilio no casamento do Dr. Tarquínio Lopes, dispensando-o da confissão! porque este distraxto maçon, alieno do prestigio e sympathia de que goza, tem na Gôrce parentes altamente collocados e dispõe de uma boa fortuna. E a egreja romana, fiel ao seu velho programma, não costuma lutar com aquelles que lhe possam fazer sombra e de quem pôde faltar grossas patacas.

Não declamamos. Isto não é novidade. Um padrinho não casa com a filha, porque é um feio pecado; mas, mediante qualquer punhado de sedulas, euhora maçônicas, desaparecem os escr-

pulos e aquella santa e santissimas olhas!!!

Pelo que acabamos de ver, — acontece agora aos maçons; e se não se casara, aquelle que não dispozer de recursos para comprar a salvacção eterna. E ao entretanto *vão os lhos pensalhos* que *pretendiam demolir a seita rebelião!*

Resum brevis.  
O Marquez de Pombal.

### Abuso.

Em um artigo que publicamos no ultimo numero deste periodico, denunciámos um abuso. Abuso tanto mais digno de ser attenção, quando era praticado por um redactor de um jornal, que se diz *seguir dos extraneous catholicos*. Jornal que hostiliza o governo. Jornal — escola da imprensa brazileira.

E o facto que denunciamos passa-se nesta cidade. Passa-se permittido pelas autoridades constituidas.

E' heu provavel que as nossas palavras não tenham passado despercebidas ao distinto Sr. Presidente da provincia. Presumpção que se funda nos honrosos precedentes do Sr. Exe.

E, sendo assim, n'osso fim, hoje, s'auxiliar a S. Exe. nas pesquisas que por ventura tenha de fazer. Neste caso, vamos apontar-lhe alguns resultados que colhemos de nossas indagações sobre este negocio tam grave.

Não é facto que o *seguir dos extraneous catholicos* esteja constantemente a dirigir insultos velados à autoridade, quando elle devera procurar occultar-se completamente, para que não se lhe puzesse a mão sobre os hombros.

O abuso a que nos referimos é de todos conhecido. Ninguém ignora que, não grado diversas decisões do governo imperial, o capellão capitão do exercito, revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, occupa os cargos de lente da cadeira de philosophia do Lyceo desta cidade e de vice reitor do Semario de Santo Antonio.

O facto não pôde ser mais escandaloso. Os homens que vivem sempre chamando a attenção dos poderes publicos para seus adversarios, sem os primeiros a violar as leis.

A Resolução de 8 de junho de 1869 prohibe que: — esse conceda licença a officiaes do exercito para serem empregados em logares vitaleiros, ou que se toquem vitaleiros dentro de certo prazo de exercicio, ou a repartições estranhas ao ministerio da guerra.

A disposição é clara. O revl. padre Fonseca é militar. A vista d'aquelle Resolução, não podia de maneira alguma ser nomeado para os cargos que occupa.

A Resolução de 5 de abril de 1870 vem confirmar ainda as nossas asserções, quando dispõe que: — *podese permittir a inscripção em concurso, solicitando os ditos officiaes, demissão do servico do exercito, no caso de serem nomeados para taes empregos.*

Esta Resolução nada deixa a desejar. Ella esclarece a questão sem que reste uma mácula dividida. Só um espirito enfermo podera descurar-lhe.

Estudemos agora a permissão que obtve o revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, e que lhos se nos tem objectado.

O governo imperial não podia de maneira alguma conceder-lhe permissão para aceitar emprego vitalicio. Si o fizesse violava uma terminante disposição de lei.

E não o fez. Confiamos bastante no bom senso dos nossos homens d'Estado, para que os julgemos capazes de pôr de lado a lei, com o fim unico de prestar protecção a certo e determinado individuo.

Por portaria de 7 de fevereiro de 1870, teve permissão o revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, para aceitar commissões litterarias, tanto em estabelecimentos ecclesiasticos, como civis, sem prejuizo do servico publico.

Ora, ali está a verdade. O revl. padre Fonseca obtve licença, apenas para aceitar *commissões litterarias*.

... de certo, confundirá *commissões litterarias* com empregos vitaleiros.

Uma o não mandado a occupação de um cargo por um certo espaço de tempo, as vezes muito limitado. A palavra *commissão*, do vocabulario *committere*, está dizendo, Outro — a exercicio perpetuo e não interrompido de um cargo.

A differença é, pois, palpavel. O revl. padre Fonseca obtve permissão para aceitar *commissões* e nunca *empregos vitaleiros*.

E nem o governo o podia fazer. As duas Resoluções, que acima citamos, a isto, oppõem-se terminantemente.

Tornam-se, pois, indispensaveis medidas energicas que possam combater delinquente. E o castigo é uma das condições indispensaveis para a boa ordem e disciplina militar.

No intuito de auxilar a S. Exe. o tanto digno Sr. Dr. Presidente da provincia, quando tenha de tomar providencias sobre este negocio, pedamos venia para lendar-lhe que a Circular de 23 de outubro de 1861 determina que: — *serão processados os officiaes que, sem licença, accedem ao servico estranho à repartição da guerra.*

Para, portanto, a autoridade competente o que a lei determina. Fica-se justica. Si o revl. padre Fonseca delinquit, — como piamente acreditamos, — reacia sobre elle a acção da lei. Si, porém, assim não é, si elle podia accediar a repartições vitaleiros, não obstante as terminantes disposições, que citamos, seja absolvido.

O processo, de que trata a Circular de 20 d'outubro de 1861 é em todo caso indispensavel.

Se por meio delle se podera tirar este negocio a limpo, só por meio delle faze-se a inteira justica.

A illustração e o criterio do distincto cavalheiro que actualmente administra esta provincia são um prelor de que nossas palavras não serão improprias.

Rego.

### A suspensão de frei Manoel Rufino de Sant'Anna Freitas e o revl. sr. Bispo Diocesano.

Ha dias corre, com certa insistencia, entre a população d'esta capital, que s. exc. revm. o sr. bispo diocesano, suspendera de confessar, por motivos que até agora ignoramos, a frei Manoel Rufino de Sant'Anna Freitas.

A primeira vista o caso não parece ser digno de attenção, pois sendo s. exc. revm. a primeira authoridade ecclesiastica da provincia, pode lançar mão de semelhante medida, visto attahesez ella dentro da alçada de suas attribuições.

O facto, porém, não deve ser encarado somente por essa face, e sim por outra muito importante, sobre a qual pedamos a s. exc. revm. haja de dar-nos algumas explicações.

A suspensão de qualquer funcionario do exercicio de seu cargo é coisa muito importante e que deve ser esclarecida o mais que for possivel, afim do publico poder formar seu juizo, em vista dos motivos que determinaram a execução de tão forte medida.

Na epocha qu'atravessamos, quando nesta provincia em nome da egreja romana, tres em quatro sacerdotes, esquecidos completamente dos deveres que a sua profissão lhes impõe, tentam com todas as forças, e ponto em pratica os meios mais torpes e aviltantes, plantar a discordia no seo da nossa sociedade, que concia de seus direitos repelle com a ponta do pé as theorias futeis e caducas que constantemente estão a apregoar. N'erta epocha em que estes pigmeus, desconhecedores completamente da nenhuma força que possuem, revestidos de uma ousadia digna de severa punição, buscão accender o facho da discordia entre os habitantes desta boa terra que, compadecida ds ridículo papel que estão todas os dias representando, vota-lhes o maior completo desprezo.

Nesta epocha em que a Maçonaria, ins'fimica respeitavel — conta em seu seo homens eminentes — vitoriosas notabilidades de diversos países, vê-se atacada por esse bando de aventureiros facinorosos que si têm um unico fim — a heresia — embora tenham para isso de sacrificiar o que houver de mais nobre, mais verdadeiro e de mais santo, uma vez que oppoem-se ao desenvolvimento d'aquelle pelo que trabalham, tornam-se a suspensão do reverendo Frei Rufino um facto importantissimo por mais de um motivo.

S. exc. revm. logo que suspendeu-o, não devia ficar calado sobre a causa que a isso o levou e sim entregal-o ao dominio publico, o qual havia a inteira justica si por acaso s. exc. a fizesse.

Se proceder bem, deve estar completamente satisfeito e com a consciencia tranquilla, e então não era preciso tanto mysterio, pois n'aguarda e accusado de cumprir fielmente seus deveres. Se pelo contrario, reconhecem s. exc. um seu acto um grave erro, devia antes que tudo reparado visto que não soube impell-o. Em todo caso era forçoso que a fraude transparecesse afim de varrer des espantos a duvida que nada adianta.

Calabryse deita maneira, fern s. exc., uma das *opelladas passalobres*, que conductas a loda trase as ideias de que afeizacão é s. exc. um dos representantes, por pigélas intels, pre-judiciaes e incompativeis ao desenvolvimento e progresso do século XIX?

Se s. exc. julga-se desprovido completamente de cedeças, polbre de comovimentos, sem luzes, enfim, firme, para receber com firmeza os lhos certos com que os seus inimigos buscam ferir-o, recorra ao sr. conego Mourão, *moço paladino dos tempos actuaes*, que, cremos, o defendera. Não tem s. exc. crendo lutas antipolias, adquirido iniauzados, soffrido naufragos de hora, falsando mesmo de alguma maneira a elevada posição que occupa, por causa do sr. conego Mourão, que, buscando suble lança mão de todos os meios a seu alcance, mesmo ainda que possa assim prejudicar ao saego e tranquillidade da possessão de s. exc.? Por que não o faz?

Estamos certos que o sr. conego Mourão não se negará a isto, provando assim parte do reconhecimento de que lhe é devedor.

Não tem s. exc. a sua disposição um jornal que diz deffender as ideias catholicas, mas que a nosso ver, longe de conseguir por ora seu intento, tem pelo contrario, espalhado doutrinas sem serventia alguma, tornando-se uma verdadeira inutilidade no mundo das letras?

Defenda, explique seus actos, ou peça que lhos façam. Em vez de occupar as columnas do nosso exercicio com exerctos que nada adiantam e transcripções de discursos de consunados euhoras, — *casas desnecessarias completamente*, — que absorvem e entusiam o leitor, explique s. exc. seus actos, para que não haja duvida sobre ellos, deslata as interpretacões que possam apporcer, defendase das accusações de que for alvo que s. exc. conseguira melhorar a critica posição que para si está crendo.

O sacerdote do que tratamos sempre gozar entre nós o conceito de fiel emissor de seus deveres.

De repente applica-lhe s. exc. revm. a pena de suspensão.

Qual foi o seu crime?

E isso que descrevamos saber. Si em effeito foi elle culpado, so commettem qualquer acto indigno de um verdadeiro sacerdote, o publico desaja saber, pois assim como o respeitava tem o poder e direito de repell-o logo que elle tornese digno d'isso.

Si está innocente, si foi um erro de s. exc. revm., da mesma forma temos o direito de sabel-o afim de censurarmos o seu irrefflectido procedimento e procurarmos restabelecer em nosso espirito a mesma leita lisongora que d'antes faziamos a respeito de Frei Rufino.

S. exc. porém calou-se. Não dá satisfacções de seus actos. Julga estar entre

um povo que deixa-se levar, tomando de sua autoridade e illustração.

Engana-se completamente si pensa d'esta forma. O povo maranhense sabe respeitar a autoridade quando ella faz-se credora d'isso, admira e tem muito respeito á illustração, pois della espera receber ideias salutaras d'onde possa adqverir alguma coisa que lhe seja útil.

Mas com s. exc. não aconteceu isso. S. exc. julga que por ser uma autoridade, pode calar aos pés a cabeça do povo e perturbar-lhe a tranquillidade.

Pela illustração e intelligencia não pode s. exc. impor-se pois nem por um momento poderia o povo cular-lhe tão louca phantasia.

Collocado s. exc. a esta circumstancia, tem triste a realidade, avançamos a dar-lhe um conselho.

Proceda com prudencia, agrade seu rebanho, expouza clara e francamente sua maneira de proceder, ou então resigae para sempre das honras de que se acha revestido. Agora um lugar para quem o possa desempenhar satisfatoriamente.

Esperamos ser elucidados sobre a questão, de que para adiante com mais vagar nos occuparemos.

Quear d'Acv.

O ultramontano.

Eis aqui um templo catholico. Está aberto. Entremos.

Sabeis que homem é aquelle que acaba de sair do confessorio e que sabe a escada do pulpito?—É um ultramontano, o velho rondor da consciencia humana.

O ultramontano está sempre em toda a parte, sob todas as formas, em todas as apparencias. Privilegio concedido ao mal, somente ao mal. Escandido no confessorio apodera-se da alma. Trepado no pulpito ataca a liberdade. Desesperados esforços da mentira agonizante.

O ultramontano é a mais elevada expressão da hypocrisia. A hypocrisia é Judas beijando Christo. É Satan com rosto de Cain.

O ultramontano é a enorme deformidade moral, terrivel e horrenda, em serviço do passado escuro e tenebroso:—o penitencioso, absurdo intoleravel ante o qual a historia para e passa. Ha cousas que nem sempre se explicam.

O ultramontano sente por sobre si alguma coisa maior do que elle que o esmagava pouco a pouco. Então reúne todas as suas forças e tenta erguer-se, como se fosse possível ao repli erguer os Andes. E solta, como a fera vencida no covil, um rugido atreador e feroz, tristonho e sinistro, no que chamamos—conclílios, excommunhões, bulias e syllabus.

O ultramontano, que é a reacção em todo o seu desenvolvimento maligno, em todo o seu desespero e em toda a sua pequenez, transformam a cruz de Christo em punhal de lendido. E é assim que elle ataca os povos na estrada da vida humana.

Elle acaricia com uma das mãos e com a outra apunhala. Tem todas as mãos da lige e todas os venenos da vibora.

O ultramontano para poder viver deixou de ser homem. E o desaparecimento do homem no homem é a mais triste das metamorphoses. Aniquilou o humano e teros o deshumano. Salva é a desaparicação de Lucifer.

Elle acaricia com uma das mãos e com a outra apunhala. Tem todas as mãos da lige e todos os venenos da vibora.

O ultramontano para poder viver deixou de ser homem. E o desaparecimento do homem no homem é a mais triste das metamorphoses. Aniquilou o humano e teros o deshumano. Salva é a desaparicação de Lucifer.

El-o que acaba de fallar. Sobre que fallou? De tudo e de nada. De tudo, porque tratou de altas questões philosophicas e sociaes, e de nada, porque o seu auditorio, na maior parte ignorante, não o comprehendeu. Tactica seguida por quasi todos os oradores sagrados. Fallam do que não devem fallar. Esquecem o que não deviam esquecer.

Acaso desenvolveu elle, n'uma linguagem clara, precisa, sem arrojos de eloquencia, sem floreos de rhetorica, algum ponto importante de moral? Acaso mostrou elle quaes são as obrigações de uma mãe de familia? os deveres d'um

filho? os compromissos d'uma esposa? Não. Disse somente que era preciso rezar muito, muito e muito, mortificar bastante o corpo, jeajar todos os dias e passar todo o tempo na egreja; disse que odiava a Maçonaria, os livres pensadores, e a liberdade da consciencia. Malhita a seita que impõe o odio ao coração humano!

Por ventura um ultramontano pode tratar de moral, elle que é um foco de immoralidades? Não. Aquella boca, por cujos labios sahiram os nomes de Jesus e de Maria, acabou á pongo de mentir e de deixar a amante... Aquellas mãos, com que benzeu-se e abençoou o povo, em nome de Deus, talvez tivessem esbofetado o rosto d'alguma feiz rival... Elle pode fallar em amor, esse sentimento que é uma das grandezas humanas, elle que nunca amou licitamente, que nunca ponde dizer á sociedade:—esta mulher é minha esposa, é mãe de meus filhos—? Não. E no entanto fallou. Hypocrita! Pode elle fallar em pureza de consciencia, elle que tem o espirito peido de remorsos? Não. E no entanto fallou. Cyndro! Arrancai a mascara desse Doufour e vereis a figura atomizavel do tratante.

De que fallou mais? Da Maçonaria. Elle ali foi grande e abundante. A calunnia, a infamia, a mentira, tem seus momentos de grandezza, que chamaremos grandezza poptena, se nos permitirem a expressão. O objecto tem tambem a sua enormidade.

Atacou, com furia de maluco, a reformar eleitoral, e o governo foi alvo de suas injurias. Atacou, com o desespero d'um possesso, o movimento revolucionario do grande seculo. Condemnou todas as liberdades humanas, com a cegueira d'um espirito embrutecido pelo fanatismo. Enfim, philosophou muito.

Quem sabe se o asno, quando zurra, não está philosophando? Ha cousas que existem e nós ignoramos.

O sermão que ouvimos foi do filho de S. Sulpicio. O que disse esteve na altura da sua pessoa. Já o conheciamos. E como não, se as suas—cartas—contra maçons estão sendo traduzidas na Alemanha! O seu physico indica logo quem é—o reaccionario romano—homem cujo espirito é um milho de vampiros, cuja consciencia é um pedaço grande de carvão, cuja intelligencia é uma sentina. Heam isso tudo e teros a hediondez humana.

O ultramontano é uma peste para a humanidade. Fugi dos miasmata.

O miasma é a morte. Fugi. Garibaldi.

Janeiro de 1881.

Transformação.

«O diabo, em pessoa, o proprio, alçando a cruz, estourou e de encolre a seda toda encheu: elle—o genio da mal, terrivel—ante a luz, amiu-se pelo espaço, em treva s'envolveu.

«O poderoso irmão phosphorico morreu um dia n'uma loja; enfia eis que rebuz um novo pensamento: o bicho, o tal judeu não ha-de mais voltar aos filhos de Jesus!»

Baldado pensamento! A larga da materia domina e não se estraga. Soldado da miseria Satan não é magou, parece d'outra raça.

«Át vem mais astuto. Olha-o. De latina, «stá promovendo o mal, cavando uma ruína e, cheio de cautella, á cruz até se abraça! Em 15 de Janeiro de 1881.

João F. Grouzell.

ECHOS DA RUA.

Tendo-se vulgarizado o boato de que este topico—*Algumas lexiandaxes que a novidade irreflectida etc. etc.*—que se lê em um artigo do Tamarco intitulado—*os partidos e o seo catholicismo*—é uma indirecta a O PENSADOR, convidamos a illustrada Redacção do órgão liberal a

desnascarem os noveleiros e por os bonos nos 11. —Ficamos esperando.

O perigoso importado, essa infame perturbador da paz dos maranhenses, faz no seo 9.º pasquim covardes insinuações a um alto e digno Magistrado, considerando-o capaz de transgredir a lei, quando julgar magous.

—Este tartufo está fazeudo jus a uma frição d'umbigo de boi.

O infame gabellado diz no seo 9.º pasquim que elle pode dar lições sobre maçonaria.

—Acreditamos. Principalmente se fur maçonaria das orphãs.

Disse mais João Monro grande que não foi á rua das Creoulas por motivos de consciencia.

—E mentira João. Tu não foste por amor do teu santissimo umbu.

O Vigário de Pirocama compra todos os dias, na Repartição, 800 reis de gobo-seimas!

—Safa! e nunca teve um voto!!!

O perigoso importado combatendo na Vieira n. 23, uma mimosa puezia do inspirado Gonçalves Crespo, diz bestialmente que ella é chata!

—Ao ler isto, afigurou-se nos ver a lesma balando a bella roza.

Bristol e Pirocama, que já brigaram por causa de routhos literarios, hoje de braço dado exploram a Santa religião!

—O Diabo as fez e o perigoso os ajudou.

Frei Mayrico e uninia está em vespuras de perder a pingue mamadeira.

—Coitadinho do feizo...

Domingo, 9 do corrente terminaram as Pastorias no Convento e quando já todos se despediam saudosos d'aquella pandega, levanta-se D. Gercha, olho virado e lingua de fora, e conta todo se lambendo, no tom dos Reis da Bahia, estas mimosas quadras:

Dei os CONTOS ao Zé Bento. Mas apunhei o lugar. Qu'importa que eu seja burro. O qu'en quero é pandegar.

Coro das Pastorinhas:

Adens Touco, Meu lindo amó, Para o anno voltaremos Cantando cocorós.

Por isso não admira Qu'en diga asneira em sermão. Eu fui criado no malo, Nunca tive educação.

Coro etc.

Fui vaqueiro e fui soldado. Tenho os vicios da tarulada. No samba ninguém me ganha. Sou valente na marinha.

Coro etc.

Jogo o sóco e jogo a laca. Sei tambem jogar o pio. Toco corneta por musica. Tambem toco birimbó.

Coro etc.

Não nasci p'ra cosas sérias. Sou um grande papalhão. Eu nunca tive juizo. Não o crio em Maranhão.

Coro etc.

Mas culpado é quem me deo Um lugar tão eminente; Quem foi burrinho em poqueño Nunca pôde virar gente.

Coro etc.

A beata do caetinho anda de porta em porta, toda chorosa, pedindo pelo amor de Deus que não tirem a cadeira de seo paizinho.

—Descance nha Tuca, se lhe tirarem a cadeira, nós lhe daremos um bauru... de sapateiro.

O Vigário de Pirocama comen em uma noite de theatro—36 pasteis de camarão e 3 pães!

—E a Camara municipal não aproveitou a humen d'estes para a limpeza das nossas praças!!!

O Revd. Frei Ozorio continua n'este anno o numero do anno passado.

—E' muito cyuico este infantil.

O Revd. Britto, esse tartufo que tanto danna causou aos caxienses não fillou a mitra de Pernambuco.

—Bem haja o governo brazileiro e nossos pezzames ao conego Burrão.

Que differença ha entre o Camo CIVILISADO e a CIVILISADO?

—Nenhuma, pois ambos tratam de consubstias santas...

O TRINTA—jornal que se publica em Lisboa—traz no seo n. 264 um importante artigo historico descrevendo a SOVA de vergalho, que D. Pedro I.—o justiceiro, deo por suas proprias mãos em D. Egídio bispo do Porto.

—Que pena que já não hajam d'aquelles Pedros, hoje que ha tantos Egídeos.

Movimento dos templos—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

- Beatas symphonias..... 8
Ditas da maroteira..... 18
Theozmreia encorpada... 1
Zeladora comprida..... 1
Grande chefe coxé..... 1
Seo pasquinho direito..... 1
Jesuitas sem brio..... 3
Curiosos diversos..... 44
NB.—Seo Pureza foi e Nha Poly tambem.

Pauta semanal das visitas de D. Gercha ao Convento.

- Janeiro—1881.
7—Não foi passar as moças.
8—Não foi jogar o nickel.
9—Entrou ás 7 horas, dançou de Gallego, cantou os Reis, deo-se ao desfrato e salou a I. com um infantil.
10—Não foi servir de bobo.
11—Não foi comer angh.
12—Não foi dizer asneiras.
13—Não foi fazer sandices.
14—Entrou ás 6 1/2, esteve ridiculo como sempre e salou as 11 cam. um infantil.
15—Não foi cocuejar.
16—Entrou ás 6 1/2, tomou jussára e salou ás 11 1/2 com um fornigão.

Sovor Pompadour.

CHRONICA.

Corre entre nós, transcripto em dous jornaes diarios, um artigo do celebre orador Emilio Castellar, sobre Os mortos de Paris. É uma especie de composição scenographica, com machinismos, transparentes, allegorias, malacachetas, filós e fios de prata, disposto tudo isto com arte e arranjado ahí para qualquer theatro de magicos, com o fim de levantar a plebeo burguezia e envter os cofres do empresario.

Todavia entendemos que esses effeitos theatraes armados na tribuna, que só produzem illusão vistos a certa distancia e ouvidos em circumstancias especies de nervos, com amolecimento do raciocinio, longe de ser cousa para se louvar e applaudir, é ao contrario o facto mais censuravel, esteril, mais pulha e mais corriqueiro, que se pode effectuar em nossos dias.

O que se aprende lendo o discurso de Castellar é—que philosophia nos surprehende, identificando-nos com as suas halas de rhetorica, e engolindo os seus adjectivos retumbantes?—que idéas nos animam e nos fortalecem?—que exemplos nos aconselham?—

que não nos delecta?—que sciencia nos instrue?—que lê nos alerta?  
—Nada! nada e nada!

Nada se aprende, porque o que ha ali de historia e veloz e estafado; o que ha de sciencia e insufficiente e contraditorio.

Castellar lança na corda teza de sua eloquencia com uma maromba, que tem n'uma extremidade o poder da materia e n'outra o poder do Padre Eternio. Apresenta algumas considerações biologicas, porem ja não ousadamente exploradas por Flamariom, que nos produzem o effeito de phosphoras servidos. Minstra-nos uma philosophia enervadora e malvada, declarando que *nas patacas não ainda torremos; o trabalho pena; a vida dor*.

Isto dito do alto de uma tribuna, cujos degraus espalham-se por quasi toda Europa e chegam até nós—é um desafio!

Isto blasfemado por uma voz, que é entibada por nossos ouvidos, como se ella fosse liquida e elles fossem de papel mata borrão—é uma maldade impulficavel!

Isto proferido por qualquer quidam e uma banalidade como outra qualquer!

Chamar ao trabalho—pena, e a vida dor! ...

O malvado! o Borgia! —o trabalho, longo de ser pena, é a fonte limpa de todos os prazeres duradouros e honestos, e o escudo dos pezares e dos vicios, é a affirmação do dever e a realisação mais logica, mais natural e mais legitima de nossas aspirações, de nossa dignidade, de nossa força e de nossa individualidade.

Hoje por meio do trabalho, recebemos, em forma de riqueza, todas as honras, todos os regalos e todo o prestigio, que os costumes dispensar aos homens superiores.

A nobreza hereditaria, que passava o tempo na vadiagem, a estropear cavallos a espancar peões, já não existe, como já não existe o preta solitario e lamurioso, que vivia sem querer trabalhar, a chorar, com os sapatos róticos, uns amores desgraçados, que terminavam sempre no suicidio ou no idealismo.

O que existe hoje é a nobreza e o talento do trabalho! Aquelle que se esforça, que não desonra, que economisa com intelligencia e prosegue com perseverança—é hoje o nobre e o genio. A este devemos todos as honras e todos os respeitoes, que antigamente se conferiam aos fidalgos de ruça e aos poetas da corte.

Hoje tudo está em nós, tudo vem de nós mesmos—já não existe a inspiração divina, como não existe a nobreza hereditaria.

Condennar a vida e condemnar o mundo—é condemnar a Deus, e isto está em contradicção com os principios piedosos do orador hespanhol.

Que Emilio Castellar é um grande talento—não resta duvida alguma, mas é um talento puramente artistico e pertence a um genero antigo, que vai desmoronando todos os dias.

Mais tres baloradas quentes de geração moderna e a velha tribuna de Castellar vem a faizo com todo o seu apparato, com seus galcos amarellos, suas latejoilhas, suas huleirolas, e suas baterias de polvora accia.

Elle proprio reconhece isso perfeitamente, tanto assim que procura (esforço irrisorio) fundir em um só caldeirão as suas queridas idéas religiosamente caturras com as theorias positivistas do Comte—falla na immortabilidade da alma e nas mellecidas infinitas—falla na inspiração, no sopro divino e pergunta como pôz tinha feito muito antes Rhiniorim no seu *Dieu dans la nature—Quem sabe si os átomos do mais forte conquistador descoberto pelo coração da mais terna virgem e si o globulo de ferro, que passou dissolvido no sangue pela cabeça do philosopho que prepara a liberdade e a paz, irá encandecido na balza devastadora do canhão, que seneca os desastres da guerra!*

Pera maior contradicção e exquisitez o orador lançou tambem no seu immenso caldeirão aquellas suas idéas liberaes de 1868 e mais todo o repertorio de imagens e figuras bombasticas e campanudas, com que elle espiavava os animos de seus compatriotas revolucionarios contra Isabel II.

Todas estas cousas mexidas dão em resultado artigos da força d'*Os mortos de Paris*.

Emilio Castellar tem um grande defeito para nós—é existir ainda!

Elle, visto não ter querido, como o padre Hugo, acompanhar a onda do sereno e mudar de facto em cada geração nova, deviu ter morrido, para não destruir um nome, que com tanto esplendor e prestigio, breve a arte oratoria não existisse, porque tornar-se-ha in-necessaria.

O que quer dizer a arte oratoria?

Quer dizer o segredo de inflamar os animos, de arrastar milhares de convicções por meio da eloquencia—para isso o orador lança mão de todos os recursos—educia a voz, estuda a mimica, a joga da physionomia, estolve a hora mais conveniente para os seus discursos, o lugar mais adequado para os effeitos da acustica e da luz—grita, gestifica, finge irritar-se, chorar, e lambem-se tudo a vez no sentimentalismo de uma tirada romantica.

E o auditorio, que não é de ferro, vai se deixando captivar por aquellas macaqueas até ficar de todo vencido, e sem se pertencer acompanha egamente, com a bocca aberta, o orador ao inferno, si o orador lembrar-se de lá ir.

Ora isto, segundo nós, não é razoavel e nem digno de um caracter serio! Impar a multidão, por meio de effeitos theatraes uma idea, uma defeza, uma causa, que ella talvez não acreditasse si a lesse com toda calma e raciocinio em seu gabinete de estudo—não nos parece a melhor das causas!

O orador hade desaparecer de todo—cada um dar o seu recato, sem rethorica e sem espalhafato, tera com toda a pacheria o que escreveva na vespera com paciencia e attenção em seu quarto em mangas de camisa.

E por este tempo si apparecer um Castellar a arregalar o olho, a dar palmadas grossas na meza e a gritar como um damnado, o presidente da sessão mandal-o-lhe reculler em lugar seguro porque estará muito convencido que o pobre homem foi atacado de hydropobia.

Deixemos que os seus padres chorem, gritem o patem o diabo no pulpeito, porque esses enlho, cutados! precisamos untar muito bem a pilula de seus sermões para a poderem engolir os parvos, porem tudo aquelle que teha inteira confiança no valor de seus idéas e na logica de seus raciocinios, dirija-se ao publico sem affectação, sem patacoada, como em conversa, e diga-lhe o que deseja dizer-lhe, ou então escreva o seu pensamento e o publique em qualquer jornal.

A affirmação da tribuna e a negação da imprensa—quando esta ther a sua ultima palavra o orador não existira de todo!

Uma carta ao exm. senhor Commandador Joaquim Marques Rodrigues.

Exm. Sr.

Tomamos, pela primeira vez, a liberdade de nos dirigir a v. exc., porque contamos com a delicadeza de v. exc. constrangido a ha a não fazer ouvidas da mercador a nossas tocas e mal alinhavadas linhas.

O facto que nos levou, exm. senhor, a preoccupar neste numero d'*O Pensador* a sua respeitavel attenção, foi uma mania como outra qualquer.

Sim, pois que é mania hoje pretender de alguma forma ser util aos seus semelhantes, e aconselhar-os, quando elles por ventura se afastam do bom caminho.

Mas, aconselharmos, nós! que somos umas feticilhas, ao lado de v. exc., que tem a cabeça branca e necessariamente a vista curta.

Contudo, senhor Commandador, uma lei fatal—a lei do cumprimento de nossos deveres, forta-nos a quebrar velhas conveniencias arrastadas nos aos pés de v. exc. para dizer o que sentimos.

Por conseguinte aqui nos lim, de chapou na mão, o at respeitoos, e sorriso nos labios, promptos a dizer nesta linguagem, sem graça e sem distincção, uma verdade simples, pura, limpa, sem o menor vellembre de maledicencia.

—V. exc. não é amigo do Maranhão!

Repare bem, senhor Commandador—do Maranhão, desta ingenua provincia, onde v. exc. sempre prosperou, sempre foi feliz, nesta provincia, que sempre tão gentilmente corresponden aos bons esforços e a boa actividade de v. exc.

Selamos francos—v. exc. que nos podia ser de grande utilidade, é simplesmente um capitalista, que só pensa nos seus interesses e no seu bem estar.

Ah! desculpe v. exc. esta franqueza rude e maledreda de quem escreve estas cousas, mas não podiamos deixar de desaharar—tinhámos o peito cheio. E além disso fui v. exc. proprio que nos forneceu o direito para tal—não se fez por ventura v. exc. empresario responsavel dos espectaculos da Estação?!

Esses espectaculos não estirão por acaso no dominio do publico e no dominio da imprensa?

Claramente que sim! Logo, compete-nos averiguar se esses espectaculos, promovidos por v. exc., são ou não convenientes, se devem ou não existir,

quaes os seus fins, quaes as suas consequencias.

E o que passaremos a fazer, si o tanto nos permitir v. exc.

Pelo anno passado, e cromeo que tambem pelo retrassado, lembrou-se o sr. Couto, antecessor de v. exc. na agencia da empresa dos bondes, de fazer em seu caso particular um preseppe, organisando, para melhor alhamento da brincadeira, um grupo de meninas, que cantavam e dançavam as danças e cantigas adequadas ao acto.

Mas esta innocente pateuada trouxe para a companhia, talvez sem que o senhor Couto esperasse, um lucro extraordinario, pois o senhor Couto morava na festa e as immensas pessoas, que desejavam assistir a terrinas festa das pastorinhas, tinham de tomar um bond e pagar o consequente e respectiva passagem.

A affluencia de povo foi enorme—os lucros foram immensos, se bem que o dono da casa não franqueasse abertamente suas portas a todo facho varra.

V. exc., vendo o bom exito que tivera o seu feliz antecessor, não quiz ficar atrás e, o que fez?

—Visto não andar na Estação e não ter ali por conseguinte uma casa de familia adequada á funçáo das pastoras—mandou construir um barraco de madeira, organisou, ensinou e vestiu na grupo de meninas, contratou uma orchestra, levantou um palco, negociou um fundo, montou uma tribuna especial para v. exc. e, sem exm. familia, dispoz cadeiras para as senhoras e alinho bancos de pia, á laia de platea geral, para o populocho.

Feito isto, v. exc. escancarou as portas do barraco e exclamou cá pra fora, com aquella clareza, que tem been caracteris v. exc.—Quem quizer pode entrar!

E entraram.

Entraram e gostaram—o Sampaio, que é um alho para estas cousas, estabeleceu logo, ao lado do barraco um arranjo com cerveja, cognac e rafes. Os bondes chegavam entorquando gente pelas ladas—havia bandeiras, lanternas, atrys, e a orchestra havia volap tuosamente nas suas rabecas uma melodia do Ratinho.

O publico encheu a barraco e estacionou-se defronte de meia luzia de meados do sexo feminino, que esgoleavam automaticamente umas cousas, que a boa educação nos manda chamar versos.

E o publico, que v. exc. já deve conhecer quanto vale, applaudo, gostou, lambou os beiços, e pediu mais.

E, depois de saciar-se, disparou—era o entusiasmo!

Então, os poetas ergueram-se, lividos, com as caras enfiadas de comnoção, a cabeleira desgredada.

E agora o verás! Crearam-se os partidos, choveram as avagaões, as cordas, os nimos. O entusiasmo desenvolveu-se, chegou ao delirio, os poetas reproduziram-se como pulgas—rimou-se genio com procerio, Talma com palma, gloria com historia. As meaduras do sexo feminino foram publicamente qualificadas de anjos, do flores, de artistas eminentes, de glorias do Brasil!

E elles, as infelizes, ouviram tudo isto, immoveis, sem curar. Serviram pelos ouvidos do criança, na cidade em que mais facilmente se aprendem as cousas e se guardam as impressões—todo aquelle sentimentalismo burato, todo aquelle veneno de um lyrisimo besta e pregas.

E v. exc., senhor commandador, gostou disto gesto de toda essa indecencia, applaudo toda aquella caterva de vadios e peraltas.

Mas entre aquelle publico molle, aquelle publico, que parecia formado de uma mistura dos recitativos de Casemiro de Abreu com pumada alvissima, havia um punhado de rapazes, que não gostaram tão apaixonadamente das pastorinhas de v. exc.

E o que fizeram o diabo desses rapazes?

Esses rapazes, que não recitaram poeias, nem vieram nas pastorinhas mais do que umas crianças amoladoras, com uma voz de canoa rachada—esses rapazes no fim de meio hora de aborrecimento, gritaram—Ora-colo! seu Joaquim Marques! isto é uma horraclencia!

E tome—assovias! e tome—pé no chão! e tome—Fura! Fura!—Olha o bobo!—vencido o palhaço.

Porem na occasião em que um dos rapazes dava signaes de que não gostara do espectaculo, com o mesmo enthusiasmo com que outros deram de que gostavam muito—um cavalheiro agarrou-o pelo braço e ordenou-lhe que puzesse-se ao fresco.

O rapaz resistiu e ameaçou quem o tinha intimado. O da intimação levantou a braço e principio o tolo—os amigos do intimado acudiram e acudiram tambem os amigos do intimador. Em breve bancos, cadeiras e cha-

pos tinham perdidos o barão primitiva e passaram a categoria de cacos. Arranharam-se alguns nartez, machucaram-se algumas testas, pisaram-se alguns pés. E depois de muitas pizarras, machucaram-se alguns testas, pisaram-se alguns pés. E depois de muitas pizarras, machucaram-se alguns testas, pisaram-se alguns pés. E depois de muitas pizarras, machucaram-se alguns testas, pisaram-se alguns pés.

E sobre v. exc. quem foi o culpado de toda esta discordia—apato que vai dizer que não?

Pois foi v. exc. mesmo! Ora si está!

Porque entendemos que o typo, que desaprova não eurgemente, não há a brincadeira das meninas, mas o modo porque v. exc. expol-as ao publico, para interesse da companhia dos bondes, fez muito bem, procedendo com tal justica, porque o acto de v. exc. merecia justamente uma surrieda.

E-o desepoos que essa sirva de emenda.

Sabeja por ventura v. exc. o qual que faz a esta provincia o principalmente aquellas infelizes crianças, com a tal pateuada das pastorinhas?!

Não sabe, com certeza e é isso o que nos compete ensinar a v. exc.

V. exc. estraga nem só o gosto das pobres meninas, que se prestam ingentamente a ser pastoras, como estraga tambem o gosto daquelle, que v. exc. chamou—a catualha, e que nos chamaremos—o publico.

Estraga por que lhos da uma pessima poesia a derocar, porque lhos dá uma pessima musica, uma pessima declamação, porque lhos dá umas enervadoras vestimentas de sonda, dá sapatos Luiz XIV, dá grinaldas, dá poz de arroz, dá *couge*, dá cabellinhos, dá dá uma pessima idea do que é Jesus Christo, do que é Brlem, do que é S. João, do que é o senhor Campello e do que é v. exc.

Estraga porque v. exc. expõe umas poucas de meninas ao namoro, ao lyrisimo, a vadiagem de um grupo de sujeitos, que não tem que fazer senão de contar pastorinhas—estraga porque v. exc. as distrae de seus trabalhos e de seus estudos, estraga porque as faz volubias, porque deixa que meia duzia de malvadas carabam-lhes a cabeça de caraminhola.

Lembra-se que este povo maranhense exm. senhor commandador, é um pobre diabo que accia e aprende com muita facilidade o que lhe ensinam de mão, e só com muita difficuldade comprahendo o que lhe ensinam de bom.

E por conseguinte toda o veneno do catursismo das pastoras de v. exc. encontraram nelle a melhor boa vontade e atrazou-lhe uns cincuenta annos de educação, e aperfeiçoamentos.

Quando, ha cousa de um anno, um grupo de rapazes foi a casa de v. exc. pedir-lhe a valiosa conjunção para o levantamento de um theatro, que seria no Maranhão o centro da palestra fina, da boa musica, da moda, da litteratura e da arte—v. exc. recusou-se abertamente, apesar das vantagens monetarias que essa empresa creava para a linha de bondes do Remedios, e apertou de já ter v. exc. prometido subscrever alguma cousa.

E no entanto consi-nos que v. exc. honrará para a realisação das tres pastorinhas a quantia de um conto de reis.

Ora, senhor Commandador—um homem que faz destas, não deve ser Commandador, deve ser Barão!

E por conseguinte, do alto destas chronicas de papelão, resolvemos, para gloria de nossa terra, agradecer a v. exc. com titulo de—*Barão das Pastorinhas!*

### EXPLENTE

A convite dos dignos proprietarios—TAVARES, Bessa & C.—visitamos a loja NOTRE DAME, importante estabelecimento de modas, que no dia 16 do corrente realbro as suas portas—fechadas para o balanço—expondo á curiosidade publica o sortimento mais esplendido que se pode imaginar.

O luxo da casa e a amabilidade dos donos e prepostos são inextinguíveis.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Friss.